



## **BULLYING SUBMERSO E VIOLENCIA SIMBÓLICA A UMA BENZEDEIRA QUE PROFESSA RELIGIOSIDADE DE MATRIZ AFRICANA, NA COMUNIDADE DA VILA REDENÇÃO – IMPERATRIZ - MARANHÃO**

Erika Ferreira Tourinho<sup>1</sup>

Oswaldo José Theodoro Neto<sup>2</sup>

### **INTRODUÇÃO**

Sendo o Brasil um país continental, é possível que questões como bullying submerso e violência simbólica mereçam destaque no cenário científico, posto que se faça necessário dirimir questões sobre o tema, face ao hibridismo nacional. Sobremaneira quando se trata de religião de matriz africana que se origina de uma região discriminada e sofrida, com sua gente escravizada, vilipendiada e com religião categorizada como “menor” e relacionada como pertencente, e de culto aos demônios. Ainda o tema se impõe por ensejar no seu bojo questões relacionadas com os direitos humanos, e de caráter substancial referido na Constituição da República Federativa do Brasil (CRFB), quando se trata da liberdade religiosa ao cidadão brasileiro. Não se deve negar neste aspecto que ainda o tema se impõe pelas relações de violência simbólica que sofrem os sujeitos de raça negra, principalmente quando se trata de sujeito do gênero feminino.

O objetivo principal deste artigo é discutir os sentimentos vivenciados por uma mulher que professa religião de matriz africana que na

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências Ambientais e Saúde (PUC-GO). Especialista em Metodologia do Ensino Superior (Universidade Pitágoras). Licenciada em Pedagogia (UNICEUMA). Bacharel em Enfermagem (UFS). Coordenadora do Curso de Graduação em Enfermagem (UNISULMA). Docente da Universidade Estadual do Tocantins e da Unidade de Ensino Superior do Maranhão (UNISULMA). Email: [tourinhoerika@gmail.com](mailto:tourinhoerika@gmail.com) Tel.: (99) 98423-2121.

<sup>2</sup> Doutorando em Ciências da Religião (PUC-GO). Mestre em Ciências Ambientais e Saúde (PUC-GO). Especializado em Arteterapia em Educação e Saúde (Universidade Cândido Mendes/RJ); Saúde Mental (UFRJ); Saúde Pública/Saúde da Família (UFMA); Ativação dos Processos de Mudança dos Cursos de Graduação da Saúde (ENSP/FIOCRUZ). Professor dos cursos de graduação em enfermagem e Nutrição (UNISULMA) e do Seminário Teológico Batista Sul Maranhense – Imperatriz – MA. Email: [osvaldo.theodoro@gmail.com](mailto:osvaldo.theodoro@gmail.com) – Tel.: (99) 98171-9090 (cel.) e (99) 2101-0202 (UNISULMA)



sua amplitude, pode estar sofrendo bullying submerso e violência simbólica. Por entender que o tema da pesquisa é de relevante complexidade por estar intrínseca às questões sociais, culturais e econômicas, a pesquisa necessitou ser embasada em uma leitura analítico-reflexiva. Dessa maneira este estudo nos levou à consciência de que estamos pisando em terreno que ainda carece de muitos estudos, portanto nos apoiamos nas leituras teóricas para situar e refletir sobre o objeto de estudo, porém buscamos, sobretudo, suporte nas vivências e na reflexão propiciadas por esta pesquisa (LARROSA, 2003). Por isso, foi imprescindível, além da pesquisa bibliográfica, o método etnográfico para os estudos do objeto em questão. Já que a pesquisa etnográfica caracteriza-se pela descrição ou reconstrução de mundos culturais originais de pequenos grupos, para fazer um registro detalhado de fenômenos singulares, a fim de recriar as crenças, descrever práticas e artefatos, revelar comportamentos, interpretar os significados e as ocorrências nas interações sociais entre membros do grupo em estudo (CHIZZOTTI, 2006). Tal pesquisa foi aprovada pelo Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), sob o número 010338/2012. Fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de” um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (GEERTZ, 1989).

O povo de terreiros na cidade Imperatriz do Maranhão é de uma tímida representatividade, apesar de não haver um número preciso, até por entender que são muitos os freqüentadores, porém poucos adeptos. A região tem 23 terreiros cadastrados, onde 22 se denominam Umbanda e apenas 01 Candomblé. O terreiro escolhido por sua receptividade e ampla área foi o de Terreiro de Santana. Em um universo de 90 integrantes, uma nos chamou a atenção, a que aqui chamaremos de Obá por sua história de vida e biótipo característicos dos filhos de Obá. Cambona do Terreiro, mulher que cuida do local e responsável pelos benzimentos, conhecida no bairro como “Dona Maria Curandeira”. Mulher, negra, benzedeira e juremeira, procurada pelos seus conhecimentos e discriminada pela sua fé.



## PELOS CAMINHOS TEÓRICOS E DAS VIVÊNCIAS DA BENZEDEIRA

No contexto sócio-político brasileiro, mais especificamente no que se refere à religiosidade, sabe-se que o Brasil é um país ecumênico, onde a laicidade é um direito constitucional. Porém, isso não se efetiva na prática, por isso podemos afirmar que se vive uma pseudodemocracia, já que cotidianamente o país católico apostólico romano com grande parte de sua população (re) adaptada à doutrina protestante de origens europeia e americana, convive com práticas de preconceito religioso, principalmente contra os praticantes de religiões de matriz africana. (FERRETTI, 1995).

O Brasil, considerado católico com grandes surgimentos de igrejas de fundamentos Protestante mais precisamente neopentecostais, onde todos os olhares, mídia, são direcionados a essas duas religiões, ambas de matrizes europeias e cristãs. Chega a ser interessante quando se recebe um convite de formatura, por exemplo, e nele vem: “culto ecumênico” mostrando que não há preconceito diante de uma comemoração a qual respeita-se todos que nela participam. É fato. Mas não existe culto ecumênico, nem tão pouco missa ecumênica. Ecumenismo vem do respeito existente no sincretismo religioso, das mais diversas mudanças existentes nos parâmetros religiosos, toda e qualquer religião sofre sincretismo (FERRETTI, 2012, p. 281). As religiões sofrem seu sincretismo próprio, quando muda suas lideranças, seus grupos de participantes entre outros e é aí que se testa o verdadeiro sentido da palavra ecumenismo. É muito fácil falar de tolerância religiosa quando só temos duas religiões como parâmetro. Ambas que surgiram da mesma matriz, do mesmo ponto de partida. É como se criticasse a própria família, primos de terceiro ou quarto grau, que de uma forma ou de outra, suas diferenças são tão pequenas que só são notadas por quem vive no próprio meio e principalmente como um critério de exclusão, onde uma tem necessariamente de ser melhor que a outra. As religiões de matrizes africanas carregam consigo o estigma de quem não as conhece e faz julgamentos sem fundamentação, logo, gerando um desrespeito diante de seus rituais, desrespeitos esses que involuntariamente passam para vida dos que a professam, sendo vistas de forma demoníacas trazendo a seus participantes determinados sentimentos que permeiam pelo



temor, mágoa, satisfação e alegria, aliado a revolta por obrigatoriamente não poderem ser reconhecidos.

O povo sabe que sô benzedera né! Sabe que benzo os minino quando tão de arca caída ou de ôio grande neles, é de um jeito que o febrão num passa. Ma mermo assim, num seio não, fico triste e alegre, alegre praquê o minino fica bão, é uma criaturinha de Deus, mas triste praquê eles num mi entendi, num sabe?

Ah dona! Eu num sei falar isso bunito não, sei que as vez tenho até vergonha de falar que venho pro terreiro,.As vez, falo que vô pra igreja, num tem? Mas é que o povo da igreja lá de perto olha logo de cara feia e fala: “- lá vai a macumbeira, bota o terço na mão só pra engolobar, pensa que nós é besta”. O povo num sabe que aqui nois reza o terço toda sexta feira.

Aqui tem um tar de estudo, sexta de tarde, mas eu num intendo não, eu acho que é purque eu num sei ler, né? A sinhoranum acha? Olha o que eu sei é que meu caboco Pena Verde me potrege e só. Ah, seu Zé Pinlintratombém.

Esse povo num que criditar, pobrema deles, né? (Obá, entrevista dia 10 de agosto de 2012, grifos nossos).

Aceitar que o sincretismo vai muito além de um ato religioso, como nos fala Ferretti (1999), abrange o social, o cultural, influenciando diretamente na educação e no cuidado com a saúde, assim é privilégio de poucos, aceitarem que as idéias alheias perpassem o contexto da intolerância, é se deixar ir muito além do bem e do mal, é não se permitir formar conceitos preexistentes e nem tão pouco ser o sujeito desses conceitos. Para tanto, é necessário que se tenha o mínimo de esclarecimento, não só o formal, mas o da vida. É se tornar aberto a novos rumos sem medo de ser visto de forma diferenciada.

E moça, nem sei, a sinhora não vai perguntá nada não é? É pra falar assim é? Oia, lá no meu bairro sô muito prcurada, tem aquela vizinha que falei pra sinhora né? Mais até ela me respeita. Quando o povo passa mal, e não tem dinhero pra ir pro hospital ai eles vão lá na minha casa, eu falei pra sinhora que eu não sei lê né? Pois é mais eu sei contar e sei conhecer planta e a Cota me ensino muita coisa num sabe? Quando eu ajudava ela num sabe?

Quando as muié tão cheia, prenha, num sabe? Eu viro o minino se tá fora do lugar, eu benzo, passo os banho que o Juremeiro faz, ou eu que faz mesmo, mas mesmo assim tem gente que toma meus banho, bebe meu chá e depois fala que num tomô, e nem agradece. Me chama na casa deles na boca da noite pra ninguém vê e todo mundo sabe, praque todo mundo chama, até a muié do pasto já chamô, mas diz que pra num contá pro marido dela.

A Cota falava pra eu num ligá, que esse é o distino de nois, num sabe? É acho que ela tem razão né? **(Obá, entrevista dia 10 de agosto de 2012, grifos nossos).**



No entanto, apesar da discriminação, é notória a expressividade das religiões africanas, muito embora sejam consideradas inferiores pelo fato de que tiveram sua porta de entrada no país com a chegada dos escravos vindos da África, logo consideradas marginalizadas (SARACENI; XAMAN, 2003). Para que se possam entender alguns pensamentos sobre preconceito e violência simbólica por um olhar ecumênico, baseado em outras religiões para assim poder-se acreditar que tal fato não ocorre apenas nas religiões de matrizes africanas, e que violência é um tema que não está distante da religião. Bingemer (2001) o livro *Violência e Religião* da Editora PUC-RIO, discute três religiões em conflito: cristianismo, judaísmo e o islamismo. Preliminarmente os autores apresentam a questão da violência no Antigo Testamento. Como se poderia imaginar relata os autores à violência e não-violência e começam citando a fratricida história entre Caim e Abel. O ponto máximo desta história estaria por vir. Os autores fazem uma pergunta norteadora em relação ao tema estudado: “Iahweh é um Deus violento?” Reportam-se ao que consta em Gênesis 22. 1-19, quando orientado por Deus Abraão iria sacrificar seu próprio filho. A seguir, na parte II do livro os autores fazem um recorte sobre a violência e a não-violência na história da Igreja. Discutem num primeiro momento os aspectos da Igreja que faz e sofre violência nos primeiros séculos; depois discutem as cruzadas e a inquisição. Nos três primeiros séculos a igreja confrontava o estado com sua forma de viver. Isto posto trazia tensão entre Igreja e Estado. A violência era camuflada chamada de “Pax Romana”. A expansão da Igreja ressalta veementemente a violência provocada pelo Estado Romano. (BINGEMER, et al, 2001). E por último os autores retratam a violência no Islamismo e no Judaísmo. Neste primeiro momento deste tópico há identificação de relatos de violência provocados pelo Islã e sua repercussão da mídia internacional. O islamismo se apodera de um monoteísmo puro e adoração a Deus (Alá) e a Muhammed (Maomé) seu mensageiro. A visão islâmica sobre os cristãos e os não-cristãos (judeus) é que devem ser combatidos. O islamismo tem tolerância muito baixa com outras religiões por parte de uma facção, enquanto que a maioria nega esta atitude. Modernamente os conflitos existentes entre árabes e judeus tem raízes profundamente religiosa. (BINGEMER, et al, 2001).



Lemos e Ribeiro (s/d), no artigo com o seguinte título: Religião: o caminho eficaz para a conquista da paz mundial, submetido a Revista de Teologia e Cultura Ciberteologia, enfatizam que a “paz mundial é um bem universal que diz respeito a todos os povos e nações”. Ainda relacionam como objeto fundante da violência os países do primeiro mundo que tentam impor a ordem mundial por meio da guerra para obter a paz. Apontam a guerra dos Estados Unidos contra o Iraque e o seu insucesso, como solução tênue para alcançar a paz. Concluem dizendo que a função primordial da religião é conquistar a paz, enquanto ela não vem o diálogo é o melhor sentido para alcançá-la. Contudo, a religião como função na sociedade tem um caráter relevante diante do quadro de violência que se instala modernamente no mundo.

A história da religião está banhada de “sangue” como sinal de violência. A violência no antigo testamento vinca sobremaneira as relações do homem com o homem e do homem com lahweh. Os cristãos primitivos sofreram e realizaram violência; uma história cujo codinome é “era das trevas” marca a violência do povo cristão. É notório o que a mídia mundial apresenta em termos de violência religiosa do islamismo contra o cristianismo. Pierre Bourdieu em “Economia das Trocas lingüísticas” diz que “A língua não é somente um instrumento de comunicação, ou mesmo de conhecimento, mas um instrumento de poder” (p. 161). Continua dizendo que entre as formas mais evidentes de censura são aquela que excluem os sujeitos da comunicação. E ainda afirma: “Vemos que é, ao mesmo tempo, verdadeiro e falso reduzir a oposição entre classes à oposição entre distinção” Jürgen Habermas no seu livro: “Entre Naturalismo e Religião: estudos filosóficos” (1929), no capítulo II (Pluralismo Religioso e Solidariedade de Cidadão e Estado). O autor discute as bases pré-políticas do Estado de direito democrático. Começa o capítulo com uma pergunta formulada por Wolfgang Böckenförde: “Será que o estado secularizado continua alimentando-se de pressuposições normativas que ele não consegue garantir por si mesmo?”. Habermas diz que a auto-compreensão do Estado de direito democrático formou-se num quadro de tradição filosófica que independe de legitimações religiosas. Isto posto continua, permite pensar a separação entre igreja e Estado no nível institucional. Não cabe ao Estado negar aquilo que é direito fundamental da



liberdade de consciência e de religião, o que constitui os desafios do pluralismo religioso (p.136). Conclui: “As próprias partes envolvidas tem de chegar a um acordo [...] ninguém é obrigado a seguir a religião do outro”. (HABERMAS, 2007, p. 136). O Estado secular o poder político não é mais religioso, e a constituição democrática necessariamente aponta para neutralização em termos cosmológicos, termina. No capítulo em que fala da “Tolerância Religiosa como Precursora de Direitos Culturais”, Habermas, diz que a palavra tolerância teve como expressão fundante (latim e Francês), no grande cisma religioso, que mais tarde passa a ser objeto do direito. No inglês mais do que no alemão, “tolerance” virtude ou disposição para comportamento, e “toleration” ato jurídico; no alemão “toleranz”, significa ambas as coisas (p. 280). Segundo Habermas (2007, p. 282), “[...] os cidadãos só poderão especificar consensualmente a fronteira de uma tolerância exigida reciprocamente, se tomarem suas decisões à luz de um modo [...] à assunção recíproca de perspectivas e à equitativa ponderação de interesses”. A proteção paternalista da constituição agudizaria a tentativa de cosmovisão, pois poderia se transformar numa valoração de uma das partes, e isto não daria o tom de uma democracia garantidora da liberdade (pp. 283-284). “O pluralismo em termos de visões de mundo e a luta em prol da tolerância religiosa forneceram certamente, combustível para o surgimento do Estado constitucional democrático” (p.285). A identidade pessoal para o pleno direito à comunicação e ao exercício da religião deve ser garantida pelo Estado democrático, e, este exercício da religião tem influencia decisiva na “autocompreensão ética dos crentes” (p.298). A questão da liberdade religiosa para Habermas constitui direitos subjetivos. Termina o capítulo dizendo que “os cidadãos de Estado” devem se entender para além de qualquer tipo de fronteira subcultural (p.300). Diante de uma densa discursão com tantos fabulosos teóricos, aparece o seguinte questionamento: e as religiões de matrizes africanas? Candomblé e Umbanda? O que nos fala a lei, porque tão pouco comentadas, será que até aqui a mídia tem que interferir para que se possa questionar? Como elas são vistas? Como elas chegaram na vida das pessoas? Porque tanto preconceito? Falar da Umbanda no Brasil imprime a necessidade de se reportar à entrada dos negros no país, ação esta que se apresenta como auxílio para explicação do fundamento, da história, dos princípios e da raiz dessa religião. Importante



também neste percurso da discussão é a apresentação do Candomblé, primeira matriz religiosa de origem africana a pisar em território brasileiro. O Candomblé veio chegar a terras brasileiras por volta de 1700 com o tráfico de africanos para o trabalho escravo em um país de origem indígena governado por europeus; nota-se aí que por essa confusão de raças, não poderia ser de outra forma se não ser o Brasil, um país sincrético onde o sincretismo não poderia ser tomado apenas como fator religioso, mas também cultural e porque não afirmar: físico, notoriamente presente na identidade de cada brasileiro, marcante principalmente na forma corporal própria que se diferencia dos outros países e dominados (FERRETTI, 2012, p. 281). Esses dominados a que se refere Ferretti acima são os negros escravos trazidos para o Brasil, e com eles veio também, uma riqueza cultural imbuída em formas diferenciadas de comportamento. Uma educação oralizada passada de pais para filhos bem como o cuidado pela saúde, sempre atrelados a um contexto religioso (HERNANDES, 2008, p. 29). Talvez por isso, explica-se ser o Candomblé uma religião de muitos cantos, danças, beberagens, banhos e de ritos fundamentais para sua sobrevivência, sendo que esses são repassados como ensinamentos, sem pressa, pelo babalorixá ou ialorixá, sacerdote ou sacerdotisa chefe de um terreiro de Candomblé a seus iaôs, filhos de santos. No Candomblé assim como herança da educação africana, não há pressa, tudo tem seu tempo certo, não existem escritos e sim ensinamentos passados de maneira oral onde o intuitivo fala mais alto que qualquer escrito, como aponta (PRANDI, 2005, p. 19). No contexto colonial brasileiro, a adaptação ao tempo para os rituais no candomblé, não é o único empecilho para os adeptos. Pois para continuar seus rituais também precisavam camuflar seus “santos” nos “santos” católicos. Dessa forma, com essa adaptação aos rituais católicos, os sacerdotes das religiões africanas evitaram, conforme explica (SARACENI E XAMAN, 2003, p. 17). Assim, os negros, escravos sem liberdade de expressão, passaram a adaptar seus costumes, camuflando-os em rituais brancos, refazendo suas vidas, dando caminhos diferentes que em variados rumos direcionavam-se a um único ponto: o respeito à Natureza que para eles significava o cuidado da vida por ser a morada de seus deuses denominados por eles de orixás, componentes espirituais que formam o alicerce do Candomblé, religião de matriz africana que nos dias atuais é conhecida como uma religião minoritária



de poucos fiéis e muitos clientes apreciadores das festas sempre com muitas comidas, bebidas, dança e cantorias. (PRANDI, 2005, p. 10). Com o passar dos anos e porque não falar, dos séculos, ainda nota-se uma grande semelhança entre a entrada da religiosidade africana no Brasil, de suas transformações com o conhecer, o envolver de seus seguidores.

Talvez esteja nesse ponto, caminho de entrada, um dos motivos das religiões de matrizes africanas ainda serem tão discriminadas e consideradas religiões de poucos adeptos e muitos frequentadores (PRANDI, 2005, p.10). Ser praticante do Candomblé ou Umbandista é algo que acontece, até hoje, ou por herança familiar ou por uma adaptação de crenças, atrelada a um momento de fragilidade ou curiosidade, fruto de um sincretismo que em muitos aspectos é visto de maneira impensada, como se fosse uma simples identificação de rituais sem levar em conta uma tradição histórica que poderia acontecer em qualquer religião, já que todas as religiões têm origem compostas e são continuamente reconstruídas através de processo de síntese e substituição. (FERRETTI, 2012b, p. 282):

Como dito anteriormente, o Candomblé, assim como a Umbanda são religiões trabalhosas que exige de seus praticantes a necessidade de aprender grande quantidade de cânticos e danças, palavras e expressões, sem falar no modo correto de se relacionar e respeitar os orixás, no caso do Candomblé, e os caboclos na Umbanda, aonde todos os rituais vão sendo aprendidos aos poucos de acordo com a necessidade, sempre envolvidos em uma áurea de mistério onde cada terreiro, cada centro tem seus segredos específicos (PRANDI, 2005). Nota-se, pela fala a seguir da entrevistada, que a Umbanda, talvez pelo desconhecimento popular ou mesmo pela falta de escritos mais acessíveis, acaba sendo descoberta por seus seguidores, em maior quantidade não tão fiéis e extremistas, por acreditarem que os sacerdotes sabem do futuro ou podem descobrir algo que se encontra escondido dos olhares mais comuns, elementos de um senso comum, dessa forma mais uma vez pode-se notar que o sincretismo não ocorre tão somente no campo religioso mas em todos os aspectos culturais (FERRETTI, 2012).

Ah Senhora! Eu acho que sô das coisa, num sabe?, virei Umbandista por que eu quiria saber se meu home me traia, eu sufria muito naquele tempo, num sabe? Ele saia dinoiti e só vinha nu ôtro dia, fido de cachaca e rapariga num tem? Aí eu prucei o omi que



butava carta e ele mi disse, aí eu fizi uns trabaiois, me limpei, isquici dele, criei meus fios, arranjei ôtroomi e já sô até vô e nun farto um dia de festa do terreiro, e sempre que pode, inda ajudo. (Obá, entrevista dia 10 de agosto de 2012, grifos nossos).

Porém, são nos seguidores mais fiéis que se encontra a herança advinda desde os tempos da escravidão, quando a educação dos negros era passada através dos Griots, trovadores, que com as músicas e trovas, ensinavam seus conhecimentos de pais para filhos de uma forma oralizada, sem escritos, função essa de grande relevância o que nos dias atuais podem ser denominados os doutores da Umbanda como nos relata Hernandez (2008, p. 30):

Sabe moça, a senhora é tão bunita, tão carma, com a sinhora eu gosto de falar, não tenho vergonha. Ostrudi mermo tive que ir a um tambô, puxa a ladainha, tive medo de sai de casa arrumada, o povo já mi joga até pedra mi chamando de terecozeira e oia que eu ia só benzê um homi que tava morrendo de picada de cobra. Cheguei la com medo e com muita reiva, eu só ia curá ele e por causo disso me iscondi e acabei que eu cheguei tarde dimais. Pudia ter ficado filiz, sarvá ele.

Sei não moça, onde nois vai parar. Eu só queria fazer a reza de cura pra picada de cobra e acabei puxando a reza do terço do enterro. Deus ajude nós, Deus ajude esse mundo de cão. Jesus cure o coração ruim desse povo pra eles vê que Jesus tá em todo lugar e eu só faz o que ele mandô. Amar um nos outro. (Obá, entrevista dia 10 de agosto de 2012, grifos nossos)

Diante de todo contexto aqui debatido, nota-se que o preconceito existe quando não se conhece ou quando se nega a conhecer o que de uma forma ou de outra se repudia. Quando se é parte discriminada, surge o sentimento do medo aliado a revolta onde se poderia simplesmente sentir-se satisfeito por poder saciar a curiosidade dos que são parte discriminante.

## **CONSIDERAÇÕES NADA FINAIS**

Há muito que discutir conversar, pensar, pesquisar e escrever sobre este tema. Não cremos ter achado a ruptura do problema. O buraco é mais fundo do que se imagina. Contudo é preocupante a relação discriminatória que



é dispensada aos sujeitos que professam religião de matriz africana em nosso território. Não dá para minimizar que sob a ótica da laicidade do Estado, e sua não tutela em termos religiosos, que se negue a condição de que *bullying* submerso e violência simbólica são cometidas aos sujeitos que professam religiosidade de matriz africana. O Estado deve minimamente garantir o direito a comunicação da religiosidade daqueles cultos considerados inferiores e satanizados. Não podemos pelo menos agora, trazer à luz o impacto que podem estas questões afetar o processo saúde/doença destes sujeitos. Se pensarmos nas questões relacionadas aos aspectos da saúde integral, para além do modelo biomédico há de se concluir que as relações sociais discriminatórias podem afetar a psique destes sujeitos. Para dar suporte em termos terapêuticos o Ministério da Saúde (MS), propõe uma Política Nacional de Cuidado Integral ao Negro, atendendo à estes sujeitos em sua singularidade, sem perder de vista as questões ontológicas, utilizando a gestão Paidéia: Saber, Poder e Afeto e o cuidado ampliado. Ser procurada por sua contribuição nos cuidados terapêuticos com seus benzimentos e beberagens aos sujeitos da comunidade, e ser discriminada por sua fé, demonstra uma “esquizofrenia” social que pode causar impacto na saúde mental da benzedeira. Reportamo-nos ao direito constituído de qualquer cidadão ter liberdade de manifestar sua religiosidade e de ser respeitado por escolha. Se o sincretismo religioso demonstra uma adaptação do culto dos afro descendentes aos deuses e a fé dos “brancos” europeus, e que isto se traduz numa relação de supremacia destes em relação aqueles, negar a ritualização, a manifestação dos mitos, a autoridade sacerdotal, profetismo, comunicação e a manifestação da fé, constitui-se em *bullying* submerso, violação dos direitos humanos, produz mal estar social e violência simbólica. Portanto, é necessário discutir as questões e produzir conhecimento para dirimir as questões.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Eduarda Peixoto de. *A tutela da liberdade religiosa na legislação infra-constitucional*. Disponível em <...>. Acessado em maio de 2015.



BINGEMER, Maria Clara Lucchetti (org); DAMASCENO, Edson. *et al. Violência e Religião: cristianismo, islamismo e judaísmo; três religiões em confronto e diálogo*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO; São Paulo: Loyola, 2001. 296p.

BOURDIEU, Pierre. *Economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: Ática, 1994.

BOURDIEU, Pierre. Função Própria e Funcionamento do Campo Religioso. In: *Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1998. pp.57 – 69.

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. Petrópolis: Vozes, 2006.

FERRETI, Sérgio Figueiredo. *Repensando o Sincretismo: estudo sobre a casa das Minas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; São Luís: FAPEMA, 1995.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GIUMBELLI, Emerson. O chute na Santa: blasfêmia e pluralismo religioso no Brasil. (pp. 169-199). In: *Religião e Espaço Público*. São Paulo: Attar Editorial, (s;d).

HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. *A África na sala de aula: visita à história contemporânea*. 2. ed. rev. São Paulo: Selo Negro, 2008.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana: danças, piruetas e máscaras*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 130-150.

LEMONS, Carolina Teles e RIBEIRO, Antonio Lopes. Religião: o caminho eficaz para a conquista da paz mundial. *Cibertologia – Revista de Teologia e Cultura*. Ano VII, n.35, pp. 4-15.

PRANDI, Reginaldo. *Segredos guardados: Orixás na alma brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SARACENI, Rubens; XAMAN, Mestre (coords). *Os Decanos: os fundadores, mestres e pioneiros da Umbanda*. São Paulo: Madras Editora, 2003.